

benefício do outro, sobretudo quando se trata de pesquisa científica" (Bourguignon, 1981).

A contradição remete-nos ao círculo paradoxal entre as noções de cérebro e de espírito. Com efeito, se o cérebro pode ser concebido como instrumento do pensamento, este pode ser concebido como instrumento do cérebro. A noção de cérebro foi, efetivamente, o produto de um longo trabalho do espírito, mas o espírito é o produto de uma ainda mais longa evolução do cérebro. A atividade do espírito é uma produção do cérebro, mas a concepção do cérebro é uma produção do espírito. O espírito apresenta-se como uma eflorescência do cérebro, mas este aparece como uma representação do espírito. Assim, constitui-se um círculo aparentemente infernal onde cada termo, incapaz de explicar a si mesmo como de explicar o outro, dissolve-se no outro ao infinito. Mas esse círculo significa também a necessidade mútua existente entre os dois termos.

O cérebro não explica o espírito, mas necessita do espírito para explicar-se a si mesmo; o espírito não explica o cérebro, mas necessita do cérebro para explicar-se a si mesmo. Assim, o cérebro só pode conceber-se via espírito, e este só pode conceber-se via cérebro.

O problema passa a ser então: quais são a realidade do cérebro e a realidade do espírito que os obrigam a ter necessidade um do outro enquanto tendem a excluir-se? Fica claro, agora, que qualquer concepção incapaz de levar em consideração o vínculo, ao mesmo tempo górdio e paradoxal, da relação cérebro/espírito seria mutiladora. É preciso enfrentar a sua *unidualidade complexa* nos seus aspectos próprios e originais:

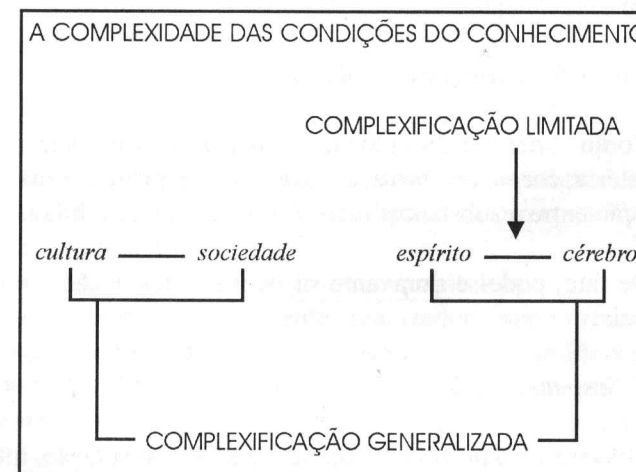
- a impossibilidade de eliminação e a irredutibilidade de cada um desses termos;
- a unidade inseparável deles;
- a insuficiência recíproca, a necessidade mútua e a relação circular que os caracteriza;
- a contradição insuperável posta por essa unidade.

Tudo isso se exprime no paradoxo essencial:

O que é um espírito que pode conceber o cérebro que o produz, e o que é um cérebro que pode produzir um espírito que o concebe?

A tríade

Não se pode isolar o espírito do cérebro nem o cérebro do espírito. Além disso, não se pode isolar o espírito/cérebro da cultura. Com efeito, sem cultura, isto é, sem linguagem, *savoir-faire* e saberes acumulados no patrimônio social, o espírito humano não teria atingido o mesmo desenvolvimento e o cérebro do *homo sapiens* teria ficado limitado às computações de um primata do mais baixo grau.



O espírito, que depende do cérebro, depende de outra maneira, mas não menos necessariamente, da cultura. É preciso que os códigos lingüísticos e simbólicos sejam gravados e transmitidos numa cultura para que se dê a emergência do espírito. A cultura é indispensável para a emergência do espírito e para o desenvolvimento total do cérebro, os quais são indispensáveis à cultura e à sociedade humana, as quais só existem e ganham consistência na e pelas interações entre os espíritos/cérebros dos indivíduos.

Enfim, a esfera das coisas do espírito é e continua inseparável da esfera da cultura: mitos, religiões, crenças, teorias, idéias. Essa esfera submete o espírito, desde a infância, através da família, da escola, da universidade, etc., a um *imprinting* cultural; influência sem volta que criará na geografia do cérebro ligações e circuitos inter-sinápticos, isto é, seus caminhos, vias, limites. Assim, a cultura deve